

## DIALOGISMO, POLIFONIA E INTERTEXTUALIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA DE ROBERTO MUNIZ DIAS: UMA LEITURA DE *SOMOS TODOS BOLHES*

Luciano Ferreira da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo busca fazer uma leitura da obra *Somos todos bolhes* do escritor Roberto Muniz Dias, depreendendo do seu texto aspectos referentes ao dialogismo, a polifonia e a intertextualidade bakhtinianas, não esquecendo as conexões que são estabelecidas entre essas teorias e as estratégias narrativas como o narrador, o tempo e o espaço configurados na sua ficção. A narração citada se alia a uma literatura brasileira contemporânea que questiona visões de mundo, discursos, posicionamentos e ações arraigadas em uma sociedade ainda afeita a discriminações de diversas ordens, homoafetivas, sexuais, gênero e comportamentos políticos e ideológicos. Num primeiro momento se situará o autor e sua produção literária, bem como os prêmios recebidos por ele. Num segundo momento se discutirá a obra selecionada aliando-se às as teorias bakhtianas associadas às outras que auxiliarão na análise da obra. Termos como dialogismo, polifonia, intertextualidade, aspectos da literatura brasileira e homoafetividade serão explanados porque vêm em auxílio à leitura da obra. Teóricos como Mikhail Bakhtin, Diana Luz Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin, Regina Dalcastagné e Luciene Azevedo. Constatou-se a pluridiscursividade expressa na obra através de relatos de personagens com suas vivências, experiências e aprendizado devido às ações e sofrimentos de violência mental e física nas suas trajetórias de vida.

**Palavras-chave:** dialogismo, polifonia, intertextualidade, contemporaneidade, homoafetividade.

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por finalidade fazer uma leitura da obra *Somos todos bolhes* do autor piauiense Roberto Muniz Dias que, com essa obra e outras publicadas e premiadas, o autor se coloca entre os grandes nomes da literatura brasileira contemporânea que alia discussões sobre o narrador, personagens, vozes consoantes e dissonantes, busca de identidade, procura de um eixo norteador da vida, espaço e tempo diversificados sempre na perspectiva do narrador principal e dos narradores adjuvantes.

Ao propor este estudo também se perseguiu uma linha metodológica baseada na leitura bibliográfica a respeito da vida, da obra do autor e das teorias literárias para um maior embasamento da leitura crítica desta obra. Assim, constatou-se que a narrativa ora analisada traz elementos que discutem desde teorias narrativas a questões relativas à variedade discursiva, vivências pessoais e contatos com os outros numa perspectiva dialógica. Aqui, nesta introdução, há a apresentação do autor e de suas obras publicadas e premiadas.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, professor Adjunto III da UESPI, [lucianosf31@gmail.com](mailto:lucianosf31@gmail.com) e [lucianosf31@bol.com.br](mailto:lucianosf31@bol.com.br)

Roberto Muniz Dias é piauiense, nascido na cidade de Teresina, é romancista, contista, dramaturgo, poeta, artista plástico, formado em Letras-Português e Direito pela UESPI, mestre em Literatura pela UNB, foi premiado em 2009 pela Fundação Monsenhor Chaves com menção honrosa à obra *Adeus Aletto*, publicou também *Um buquê Improvisado; O príncipe, o mocinho e o herói podem ser gays; Errorragia: contos, crônicas e inseguranças; Urânios, A teia de Germano; Uma cama quebrada* e a *Trilogia do desejo*, esta última sendo uma coletânea de romances. Recebeu vários prêmios como o de melhor texto teatral em 2015 com a obra *As divinas mãos de Adam* premiado pela FCP (Fundação Cultural do Pará), em 2016 ganhou 16º Prêmio Cidadania em Respeito à Diversidade, em 2017 recebeu o 3º Prêmio educando para o respeito à diversidade sexual e o Prêmio beijo livre direitos humanos e em 2018 também foi premiado com a obra *A bacia de Proust* com o Troféu em Cena. Participou como palestrante na 10ª Feira do Livro de Campos dos Goytacazes em 2018 no Rio de Janeiro e em 2019 participou também da I FLIDS, Festa Literária da Diversidade Sexual em Fortaleza. Escritor talentoso, multifacetário que incorpora em sua obra os mais diversos ingredientes narrativos e teatrais.

### **Dialogismo, polifonia e intertextualidade na narrativa**

Partindo do princípio que toda obra traz em si o dialogismo, ela dialoga com outros textos, dialoga com o receptor, dialoga com os personagens, dialoga com o tempo e espaço de vivência na narrativa. Percebe-se desde o título da obra esse diálogo com os leitores na medida em que se coloca próximo dos mesmos: *Somos todos bolhas*. Interessante notar já no título também a configuração referente ao verbo, ao pronome e o predicado, “somos” o verbo ser na primeira pessoa do plural do presente, “todos” como referente tanto ao masculino, feminino e ao neutro, incluindo “nós” leitores e “bolhas” que já está no gênero neutro, gênero este que está sendo discutido como aquele que englobaria gêneros diversos, fluídos, em construção ou em descoberta. Mas também se tem essa expressão relativa ao viver em bolhas, isolados do mundo social concreto, palpável e sem interação no corpo a corpo. Há esse mundo virtual, onde o contato é intermediado por mídias que trazem as mais diversas informações ou construções sociais distorcidas repassadas como real ou como verdade. As distorções da realidade veem muitas vezes configuradas como notícias falsas e se deve combater essas fake News para que não se caia num jogo discursivo ilusório e perigoso para a saúde mental.

A obra de Roberto Muniz Dias se encaixaria então na mais recente produção literária contemporânea brasileira, se constituindo numa narrativa não monológica, sempre dialogando com as mais variadas posições discursivas, assim:

(...) a própria orientação da narração – independente de quem a conduza – o autor, um narrador ou uma personagem – deve diferir essencialmente daqueles dos romances de tipo monológico. A posição da qual se narra e se constrói a representação ou se comunica algo deve ser orientada em termos novos face a esse mundo novo, a esse mundo de sujeitos investidos de plenos direitos e não a um mundo de objetos. Os discursos narrativo, representativo e comunicativo devem elaborar uma atitude nova face ao seu objeto. (BAKHTIN, 1997, p. 05)

O texto começa com o narrador em primeira pessoa a falar sobre um tempo um tanto indefinido “naquele tempo” (DIAS, 2021, p. 01) Aqui já se opera a polifonia, onde outras vozes se fazem presentes, falando direta ou indiretamente sobre pessoas, colocando-se como sujeito de seu próprio discurso e de ideologias, personagens também podem ser consideradas como heróis:

Polemiza-se com os heróis, aprende-se com os heróis, tenta-se desenvolver suas concepções até fazê-las chegar a um sistema acabado. O herói tem a competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena e não como objeto da visão artística final do autor. Para a consciência dos críticos, o valor direto e pleno das palavras do herói desfaz o plano monológico e provoca resposta imediata, como se o herói não fosse objeto da palavra do autor, mas veículo de sua própria palavra, dotado de valor e poder plenos. (BAKHTIN, 1997, p. 03)

Observa-se isso nos trechos que seguem: “Ninguém relatou dificuldades, apenas desconforto” e “As pessoas, em conversas mais simples, estavam sempre interrogando: “Mas, em que sentido?”, para, logo depois, interjeccionarem: “Ah, sim!” (DIAS, 2021, p. 01). Ao mesmo tempo em que o narrador coloca no texto pessoas dialogando entre si, ele também estabelece o diálogo consigo mesmo: “Eu procurava desde cedo essa compreensão interjetiva dentro de mim. “Meu Deus!”, Quem dera!”, e terminava me perguntando: “Até quando?” (DIAS, 2021, p. 01).

Ao colocar a expressão: “Eu me lembro de que acordei como noutra dia qualquer” pode se referir a um tempo atual distante que é lembrado e o “eu não havia contado nada a ninguém” (DIAS, 2021, p. 01) remete ao tempo presente e à necessidade de agora contar, de agora falar, de registrar algo, intercambiar experiências. O texto vai dialogando com outros textos, sejam textos no sentido amplo, históricos, ou textos escritos literários ou não, é a presença da intertextualidade, desde modo: “Deve-se observar que a intertextualidade na obra

de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade “interna” das vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo o diálogo com outros textos.” (BARROS & FIORIN, 1994, p. 04)

No texto de Muniz, esse processo intertextual se amplia e há tanto o diálogo externo com um momento histórico específico buscando explicar fatos (A queda da Bastilha durante a Revolução Francesa) e o texto Bíblico, operacionalizando uma intertextualidade interna, ocorrendo situações e escolhas discursivas para explicitar sentidos:

Mas, toda essa revolução – não entenda isso como uma tomada da Bastilha, mas como uma mudança de sentido de um evangelho da Bíblia –, todo este reflexo da mudança deixou apenas parte da sociedade aberta às mudanças.” (DIAS, 2021, p. 02).

Há mistura de falas, a polifonia discursiva, não se sabendo ao certo se é fala do pai ou do narrador, tornando assim uma narrativa movediça: “Além da pergunta do meu pai: ‘Como você está se sentindo?’”; seguia: “Com quem usar? Deveria dar-lhe um nome?” (DIAS, 2021, p. 03). O texto traz, como já mencionado desde o título, questões relativas ao gênero, seja o que engloba o masculino, o feminino, o neutro ou fluído e em construções discursivas diversas, como se pode ver em:

Tudo isso aconteceu quando eu já tinha por volta dos trinta anos, desempregade, solteire. Eu sabia que precisava – olha de novo a literalidade das palavras – da mudança. E naquela época, quer dizer, na minha época de distopias e utopias era possível comprar um pinto nas 3Dick Printers.” (DIAS, 2021, p. 03).

Nota-se que o narrador demarca bem essa discussão colocando em **negrito e sublinhado** a demarcação de gênero, não só nessa passagem, mas em várias outras no decorrer da narrativa. Depois do implante, o narrador vai descrevendo o processo de familiarização, sonhando, sentindo necessidades, desejos e se acariciando. A escrita de Roberto Muniz se efetiva tanto por uma linguagem objetiva, direta, sem rodeios e para alguns chocante, mas também traz metáforas e simbolismos referentes ao outro, personagens e realidades.

A dialogicidade está presente em todo o relato, não havendo constrangimentos em relatar fatos, o dialogismo se faz presente constantemente:

Em outros termos, concebe-se o dialogismo como o espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro no texto. Explicam-se as frequentes referências que faz Bakhtin ao papel do “outro” na constituição de sentido ou sua insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz. (BARROS & FIORIN, 1994, p. 04)

A voz do narrador ecoa as outras vozes indiretamente presentes de outros homens e mulheres ou até generalizando com o termo “todos” como se vê no trecho a seguir que continua acentuando outras formas de se presentificar:

Não transava com homens ou mulheres, não via sentido no prazer que todos tinham. As Rocket totens – eram assim chamadas as máquinas de impressão 3Dickers comercialmente – prometiam um homem de verdade. Eu comprei aquele pinto em 3D na esperança de viver uma vida mais autêntica.” (DIAS, 2021, p. 04).

É o diálogo com o futurismo cibernético num mundo distópico, lembrando de certa forma, o mundo ficcional de Blade Runner. O narrador também fala da irmã que saiu de casa e da vida dupla que vivia. Neta parte do texto, opera-se o que se pode chamar de metaficção, o texto busca explicar a si mesmo como em algumas expressão ou palavras dentro da ficção, assim é em: “Robin tinha vida dupla. Uma dentro de casa e outra fora dela – ‘dela’ aqui ganha uma interpretação dúbia: da casa ou dela mesma?” (DIAS, 2021, p. 05). Aqui, a explicação de um termo dentro do relato, problematiza a própria ficção de relatar ou algo, buscando explicá-la. O narrador também espera que o próprio implante dialogasse com ele: “Aquele artefato ultra-tecnológico implantado em mim não dialogava comigo; eu não sabia como ele se desenvolveria em mim...” (DIAS, 2021, pp. 05-06)

O texto sugere, aliado à era da tecnologia avançada, o tempo de ciborgues e da falência humana, o ano era de 2070: “Os ciborgues se tornaram comuns, a excelência em qualquer performance era uma nova demanda cultural. Tudo isso, aliado à minha frustração pessoal, me tornava um ciborgue igual a eles.” (DIAS, 2021, p. 08). Vê-se a compreensão do eu narrador em ser igual a outros ciborgues. A primeira expressão relativa à bolha está na parte em que ele se refere à proteção dos pais, isso na página oito da obra que não se encaixa numa rotulação de gênero literário, ela é híbrida, pois junta um discurso monológico, dialógico, polifônico, discursivo, narrativo, dissertativo, reflexivo e de manifesto: “Até minha juventude, eu vivia escondido sob a proteção dos meus pais. E isto continuava até hoje: geração canguru. Esta proteção fazia de mim algo dentro de uma bolha, como se eu fosse um experimento de mim mesmo.” (DIAS, 2021, p. 08). A percepção de que era um experimento se alastra ao longo da obra.

Certo dia em que o narrador visitou um cruising bar num centro comercial tecnológico, ficou maravilhado com o que viu, sua satisfação foi muito além do sexual, relatando certa superioridade do ativo numa relação sexual, observe:

Havia uma excitação maravilhosamente inominada entre os pintos e bucetas biônicas. Havia um estranhamento lúdico, mais do que sexualmente simbólico entre aqueles corpos. A postura do ativo resgatava algo de hierarquia e poder. As posições se limitavam ao encaixe dos pintos dentro das cavidades. (DIAS, 2021, pp. 09-10)

A polêmica discursiva se estabelece em várias partes do texto, em uma delas Nine, que foi ao bar com ele, perguntou se o narrador era ativo ou passivo, daí o mesmo sentiu sua intimidade ser invadida e de certo modo retrucou: “– Eu não sou como vocês! – eu disse sem querer.” (DIAS, 2021, p. 11). Certo dia, o narrador sonhou sendo passivo e acordou com dores abdominais. Dias depois ele foi ao médico e retirou as ataduras, a prótese não se desenvolveu. O narrador diz claramente a sua condição de gênero:

Eu já tinha assumido uma monstrosidade ao não me encaixar em nenhum gênero. Eu já não era um homem nem uma mulher. Meu útero era atrofiado, meus testículos eram apenas uma cavidade oca. Talvez, eu pudesse realmente pensar de uma forma diferente.” (DIAS, 2021, p. 13).

Importante observar a não definição do(e) personagem principal, ela(e) não representava, não simbolizava nenhum gênero até então conhecido dentro da realidade ficcional da obra:

Eu queria uma experiência de amor, não da troca pela troca. Mas eu ainda não tinha experimentado nem o amor, tampouco a troca. Eu estava dividida entre meus desejos e o que os outros queriam de mim. Nem pinto nem buceta, eu me sentia uma daquelas cavidades: oca.” (DIAS, 2021, pp. 13-14).

Há uma discussão valiosa sobre intersexo, uma pequena história é intercalada dentro da narrativa, assim como outras, são as chamadas narrativas encaixantes. Desta forma, a história de Nine vai falar sobre o intersexo, da rejeição à adoção e à mudança futura. Assim:

Quando nasceu, Nine também recebeu o diagnóstico de intersexo: ovários e testículos atrofiados, vagina fechada e um minúsculo pênis. Segundo o relato, seus pais rejeitaram-me de pronto. Não ficaria um dia sequer com a “aberração” – assim diziam o médico e seus pais. Mantiveram-me em casa por alguns dias, até a doarem para um orfanato público da cidade.” (DIAS, 2021, p. 17).

Foi relatado também estupros de Nine, a manipulação constante de sua genitália pelo padrasto, quando houve um momento de seus 18 anos que ela (e) o esperou com uma arma laser e decepcionou o pinto do agressor e este decepcionou o braço dele, daí Nine ter um braço mecânico. Isso ocorreu com ele aos 18 anos de idade e agora, eles indo à cidade de Tar, dois homens altos e fortes agrediram Nine para retirar o seu braço biônico, eram sucateiros de

sucata biônica. Um deles era o padrasto. Encontra-se aí a ação polêmica de contraste ao outro que é considerado estranho, diferente e que poderia dar alguma vantagem pecuniária vindo da agressão e violência. Os espaços na narrativa são futuristas, uma era tecnológica e são apresentados sob a perspectiva subjetiva das personagens, ocorrendo a existência de no mínimo dois espaços na literatura brasileira contemporânea como nos afirma Brandão:

(...) o “espaço social” é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica noções compreendidas segundo balizas mais ou menos deterministas; já o espaço psicológico abarca as atmosferas, ou seja, projeções sobre o entorno, de sensações, expectativas, vontades, afetos de personagens e narradores, segundo linhagens variadas de abordagem da subjetividade, entre as quais são bastante comuns a psicanalítica e a existencialista. (Brandão in DALCASTAGNÈ & AZEVEDO, 2015, p. 56)

Toda a cidade de Tar vai se configurar num espaço de tensão e violência, portanto, segunda a percepção das personagens deve ser evitada. A subjetivação dos espaços sociais é uma constante em *Somos todos bolhas*, onde alguns espaços são acolhedores e outros não, criando assim expectativas nas personagens que se deslocam.

Indagações constantes do eu narrador são feitas durante a narrativa:

Eu vivia numa bolha. Era isso. Por esta razão, tudo que aconteceu e acontecia com Nine me deixou completamente desnorthead. Já não sabia o que realmente me animava naquele momento. Voltaríamos para Perif com as almas ainda mais mutiladas?”. (DIAS, 2021, p. 21).

São metáforas da condição existencial colocadas durante o percurso das personagens e o percurso narrativo: “Aquelas ruínas revelavam a tristeza do abandono dos cidadãos daquela cidade. Intimamente, sondávamos as razões e encontrávamos nossa desesperança, como se fôssemos também uma lembrança em ruínas.” (DIAS, 2021, pp. 22-23). Aqui tem-se a visão da ruína da cidade associada à ruína das lembranças das personagens, o espaço subjetivando pessoas através do olhar.

As personagens encontram pelo caminho Billy, que também foi agredida pelos mesmos homens que retiraram sua prótese, Billy ainda era de menor e forjou uma identidade para fazer a cirurgia. Billy conta sua história e o tecido narrativo vai se entrelaçando. São narrativas em flashbacks e narrativas encaixadas. Enquanto aguardavam a cirurgia de Billy: “Aquele momento em que o filme de sua vida passa em sua mente, na sua frente, sem a audiência de testemunhas senão sua própria incredulidade.” (DIAS, 2021, p. 25). Os pensamentos do eu narrador Toni emblemizam a busca por uma identidade e outra forma de percepção da realidade através da reflexão se faz presente: o filme imaginário. Assim se

resumi o desejo da personagem narradora: “Até aqui, tudo se resumia a meu desejo de mudança, da adaptação ao mundo hostil, da busca por uma identidade, fosse qual fosse: precária, transitória, contingencial... ou normal.” (DIAS, 2021, p. 25).

Em uma parte do relato há a carta do pai de Toni, colocando-se como arrependido pelo que fez, estava fugindo da polícia e da cidade, pois cometera mutilações nas pessoas, ele era cirurgião da empresa Kooperki. Aqui uma pequena carta é o meio de comunicação estabelecido entre as personagens e a revolta de Toni começa junto a tantas outras pessoas que iam descobrindo o que acontecia na cidade. Toni decide se juntar a revolta nas ruas da cidade: “Desci em direção à minha casa. Juntei-me ao grupo e comecei a quebrar tudo ao redor. Ali eu encontrei um sentido pelo qual lutar.” (DIAS, 2021, p. 33). Com a revolta na cidade de Perif, Toni e Nine decidem novamente ir a Tar, Toni decide fazer um a cirurgia. Nine dá um beijo nele e diz que ali se iniciaria uma história. Toni colocou vulva e pênis biônicos. Era o desejo dele agora.

Depois da cirurgia, o pai vai visitar Toni, como se fosse uma despedida, ele morre e há suspeita de envenenamento. Tudo se torna perigoso e Toni e Nine se sentem apreensivos: “– Mas, será que ele foi envenenado aqui? Será que ele não recebeu algo contaminado desde Perif? – eu estava assustada.” (DIAS, 2021, p. 40). Na cidade (bolha) de Perif a ordem não se estabelecera ainda, havia perseguição aos ciborgues considerados como pervertidos e que deveriam ser extintos, num movimento de eugenia. Em Lilith, outra cidade bolha em estado de sítio, os ciborgues viviam se escondendo em guetos e resistindo aos confrontos existenciais. Interessante o nome Lilith, este também dialoga intertextualmente com uma figura demoníaca.

Após se recuperar da cirurgia, Toni e Nine têm seu primeiro relacionamento ciborgue e nesse momento existe o diálogo entre o organismo biológico e o organismo tecnológico, ciborgue, nanotecnologia:

As pontas dos dedos tocavam-me de forma mais intensa. Os dedos dedilhavam agora por todo o meu corpo. Eu não sabia, mas o efeito alucinógeno era alcançado por meio de nanopartículas que promoviam uma ligação entre as moléculas da minha prótese metálica e minhas moléculas orgânicas. Durante seu efeito, em alguns momentos eu sentia a língua quente de Nine ao redor de minha cavidade biônica. (DIAS, 2021, p. 44).

Na obra, como já se afirmou, os diálogos se expandem, tanto no nível interno como externo da obra. Com a convivência, os dois começaram a sentir que a rotina e o trabalho os consumiam e os discursos também não mais se harmonizavam:

A rotina dedicada à empresa consumia a gente. Eu começava a entrar numa depressão e angústia. A gente não brigava, mas também não havia uma harmonia em nossos discursos. Eu finalmente tinha um pinto biônico, mas não encontrava uso para ele. (DIAS, 2021, p. 45).

Desta forma, o relacionamento vai desmoronando aos poucos, o uso de drogas para evitar a rejeição dos implantes causavam efeito colaterais, o narrador sentia rejeição: “A minha rejeição era de dentro para fora, e também de fora para dentro.” (DIAS, 2021, p. 48) Houve ainda relações entre ambos, dois ciborgues, ciborgues homoafetivos, ciborgues em trânsito, se assim se pode dizer dessas duas personagens como o próprio narrador afirma:

Antes, os sexos masculino e feminino digladiavam pelos espaços de uma heterossexualidade compulsória. Depois, os sexos se relativizavam, onde os polos se fragmentavam. As pessoas transitavam e transicionavam entre nuances, não se solidificavam ou engessavam mais nos polos. A revolução dos direitos sexuais de 2070 promoveu uma verdadeira mudança. Os corpos ciborgues e as peças biônicas tornaram os sexos. Agora denominados de “trânsitos”, eram muito mais sutis e nada ortodoxos. (DIAS, 2021, p. 50)

As peças se tornam sexuais na relação afetiva entre as personagens, entre engrenagens dos corpos, contudo a preponderância do falo ainda existia nessa sociedade futurista, o pênis continua símbolo e referência na relação homoafetiva, entre o ativo e o passivo. Havia também o medo do autosexo com a engrenagem biônica. O narrador sentiu que não tinha coração, queria um outro, foi a uma cidade chamada Bolhe onde havia transgêneres-ciborgues e ele se sentia um **transgêner-biônico-andarilhe** quando conheceu Apokalypse que se dizia mulher e Tétis que se dizia homem. Todos na cidade eram estéreis, haviam se mutilado. Todos na cidade viviam o agora como uma espécie de catarse. E mais uma vez o entrelaçar de histórias, compartilhar experiência entre os membros da comunidade da cidade Bolhe: “Cada membro contava sua história, mas, ao mesmo tempo, teciam uma colcha de retalhos que se transformava num mapa.” (DIAS, 2021, p. 61)

A descrição que o narrador faz de Apokalypse, algumas semanas depois do convívio com ela em Bolhe é tanto objetiva como subjetiva: “Apokalypse tinha inúmeras operações em seu corpo. Orgulhava-se de ser uma travesti biônica: peitos, abdômen, pélvis e pernas. Ela dizia que lhe restava de humano apenas o coração.” (DIAS, 2021, p. 63) e se cola a própria fala de Apokalypse: “– Eu era Elektra. Alta, esguia, inteligente, impetuosa... Agora sou Apokalypse, uma velha sem forças para emitir palavras sábias – ela sussurrava, já sem forças. (DIAS, 2021, p. 63). Sempre a voz do outro é expressa na narrativa, dialogando, questionando e fazendo reflexões.

A descrição da morte de Apokalypse é tocante, os implantes saíam do seu corpo, causando dor suprema e a conseqüente morte da personagem: “Era um grito surdo, do oco de sua alma que ali se esvaía na minha frente. Era assustador ver uma pessoa tão forte resumida a feridas e buracos na alma. Apokalypse morreu sem emitir uma palavra sábia sequer.” (DIAS, 2021, p. 65). Ela foi enterrada numa cova perto de um ipê roxo próximo do lago mágico, como o chamavam. Sem parentes ninguém no mundo externo deu por falta da travestônica como ela se chamava. Queriam que Toni fosse o líder mas ele recusou e cita a esperança com a metáfora da mochila vazia quando chegou a Bolhe. Outra metáfora: “Logo, logo, Bolhe seria um grande jardim de ipês sem memória.” (DIAS, 2021, p. 71) Volta para a sua cidade e encontro um antigo amigo e eles se envolvem numa noite fria, corpos diferentes se tocam e se descobrem na diferença: “Ao olhar para Deze, eu via um homem nu na minha frente. Um homem natural: peito, braços, pernas, pinto normais. Nada nele era biônico aparentemente.” (DIAS, 2021, p. 79), mas não foram muito adiante, vejam-se os diálogos:

- Você é biônica! – Deze falou sem mexer um músculo.
- Sim. Esta sou eu! – também imóvel.
- Não. Eu não consigo. Não serei um bom amante para você.
- Mas, do que você está falando? Mal nos conhecemos... – Eu sei. Mas não sei te explicar.
- Eu também não... – minha alma hesitou – Eu nunca estive com um homem natural.
- Sério? E acho que não serei eu. Eu não sei como...
- Tudo bem. Somos incompatíveis. Não é isso? (DIAS, 2021, p. 79)

Há a frustração de Toni, a diferença entre o ciborgue e o homem natural se revelou como obstáculo, contudo Deze pediu para que Toni o ensinasse e a relação entre ambos se efetivou, mas com o tempo a relação se desgastou. Uma referência ao nosso momento atual foi feita nesse mundo futurista: “– Ninguém aqui se importa mais com ficção! Querem saber de vida real. A ficção se desgastou desde a realidade pandêmica daqueles anos.” (DIAS, 2021, p. 82). Diálogo também estabelecido entre o presente da obra relatado e o passado pandêmico.

A narrativa vai se encaminhando para o final, cheia de indagações, incertezas e reflexões sobre o mundo, as pessoas, a vida, a fuga, a partida, a tecnologia, a exploração, a ilusão, o ir enfim, tudo num redemoinho discursivo do narrador personagem principal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a leitura da obra *Somos todos bolhes* do escritor piauiense Roberto Muniz Dias pudemos perceber a riqueza literária/estética com que a narrativa se constrói. O seu princípio está relacionado com o diálogo constante, este estabelecido com o leitor já no título, com a

própria narrativa numa perspectiva de auto questionamento através de uma ficção que se problematiza, com as personagens devido aos seus diferentes olhares sobre suas próprias vidas e suas relações com o mundo e com os outros, com o próprio narrador ao tentar se descobrir como seria se não fosse ele mesmo. Tudo isso aliado às técnicas narrativas de base dialógica, sejam externas, no diálogo com uma determinada realidade e tempo presentes ou passados; ou internas, com discursos que vão se construindo desde o título até o seu término, buscando o leitor como confidente, as personagens como trocas de experiências de vida e com o tempo e o espaço ficcionais.

A obra de Roberto Muniz Dias se coloca como questionadora o tempo todo, pertencendo a um universo ficcional tão caro à literatura brasileira contemporânea que, ao mesmo tempo em que busca lastros miméticos com a realidade, faz-se como universo ficcional questionador das próprias “verdades” literárias, anão apreensão do outro como totalidade e sim por fragmentos, No caso de *Somos todos bolhes* parece que cria elos com nossa realidade mesmo sendo futurista, as suas metáforas nos aproximam dessa realidade um tanto distópica e às vezes beirando o insusitado.

## ABSTRACT

This article seeks to make a reading of the book *Somos todo bolhe* by writer Roberto Muniz Dias, inferring from his text aspects related to Bakhtinian dialogism, polyphony and intertextuality, not forgetting the connections established between these theories and narrative strategies such as narrator, time and space configured in his fiction. The narration quoted is allied to contemporary Brazilian literature that questions worldviews, discourses, positions and actions rooted in a society still prone to discrimination of various orders, homo-affective, sexual, gender and political and ideological behavior. At first, the author and his literary production will be located, as well as the awards received by him. In a second moment, the selected work will be discussed, combining Bakhtian theories associated with others that will help in the analysis of the work. Terms such as dialogism, polyphony, intertextuality, aspects of Brazilian literature and homo-affectiveness will be explained because they help reading the work. Theorists such as Mikhail Bakhtin, Diana Luz Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin, Regina Dalcastagné and Luciene Azevedo. It was verified the multidiscursiveness expressed in the work through the accounts of characters with their experiences, experiences and learning due to the actions and sufferings of mental and physical violence in their life trajectories.

**Keywords:** Full article, Scientific norms, Congress, Realize, Good luck.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz. (orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1994.

AZEVEDO, Luciene & DALCASTAGNÈ, Regina. **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015.

DIAS, Roberto Muniz. **Somos todos bolhes**. ASIN *E-book*. Edição Kindle, 2021.